



**BRUNO GARCEZ**

# **BIOGRAFIA DE UM FALSÁRIO**

**LIVRO ESCRITO PELO JORNALISTA JAMES WOODALL E OBRAS PRODUZIDAS POR  
MARIA ESTHER VAZQUEZ, EMIR RODRÍGUEZ MONEGAL, ESTELA CANTO E  
MARCOS-RICARDO BARNATAN TENTAM DESVENDAR OS TRAJOS BIográficos  
ESCONDIDOS NA LITERATURA LABIRÍNTICA DE JORGE LUIS BORGES**

Jorge Luis Borges  
O homem no espelho do livro  
James Woodall  
Tradução de Fábio Fernandes  
Bertrand Brasil  
436 págs. – R\$ 49,00

Em um de seus contos, “25 de Agosto, 1983” (1977), Jorge Luis Borges vislumbra um futuro no qual se suicidaria aos 84 anos. Com a aproximação da fatídica data, muitos começaram a temer que o autor viesse a cumprir o “prometido”. Na época, Borges, com seu humor peculiar, comentou não saber se deveria se comportar como cavaleiro e converter a ficção em realidade ou se fazer de distraído e deixar que o fato fosse esquecido.

A anedota ilustra a dificuldade de se fazer uma biografia de Borges procurando achar em sua obra indícios que, se seguidos, conduzam a episódios de sua vida. Tamanho é o número de pistas falsas deixadas pelo contista, poeta e ensaísta que a tarefa de converter a ficção em realidade, se não indigesta, é pelo menos de alto risco. O jornalista britânico James Woodall, autor da biografia *Jorge Luis Borges – O homem no espelho do livro*, cai em algumas dessas armadilhas.

Woodall prefere se centrar na vida do autor, sem se aventurar em análises literárias. Mas, vez por outra, esmiuça os textos de Borges a fim de encontrar sinais de sua sexualidade problemática, suas várias decepções amorosas, sua vida familiar e suas amizades literárias. Uma antiga colaboradora de Borges, María Esther Vázquez, faz, assim como Woodall, um registro factual da vida do escritor. Seu relato é, no entanto, apaixonado, o que o difere do tratamento frio e excessivamente britânico de *O homem no espelho do livro*. Outro registro em que a paixão surge em primeiro plano é o da romancista Estela Canto, *Borges à contraluz* (editora Iluminuras), que constitui menos uma biografia do que um livro de memórias. A autora foi namorada do escritor e em sua obra devassa de forma inclemente a inti-

midade, tão resguardada, de Borges. Duas outras biografias trilham um caminho mais sábio. Emir Rodríguez Monegal, em *Borges – Una biografía literaria* (editado no México pelo Fondo de Cultura Económica), e Marcos-Ricardo Barnatán, em *Borges – Biografía total* (Ediciones Temas de Hoy, Madri), procuram ilustrar a vida do escritor com trechos de seus escritos.

Em *O homem no espelho do livro*, lançado em 1996 na Inglaterra e no início do ano no Brasil, Woodall tenta associar a aversão de Borges a Perón com a dificuldade do autor em manifestar sua sexualidade. Borges, lembra Woodall, “vinha de uma cultura nem um pouco simpática para com a hesitação em termos de sexo”. Além disso, o autor tinha uma relação ambivalente em relação ao típico macho argentino. Se por um lado havia escrito uma biografia exaltando os feitos de Evaristo Carriego (*Evaristo Carriego*, 1930), poeta boêmio, apreciador de tangos e freqüentador de bordéis, por outro nutria desprezo pelo portenho típico, que era rude, inculto e freqüentava lugares de má fama.

Borges, é sabido, identificava em Perón o extrato mais baixo da sociedade argentina, daí um dos motivos do desdém que sentia pelo ditador. Woodall crê que tal desprezo tinha também ingredientes psicosssexuais. Segundo o biógrafo, Perón representaria para Borges o modelo do macho argentino, com o qual jamais poderia se equiparar. A fim de endossar essa tese, o autor se vale de um psicologismo rasteiro: “O machão definitivo era, naturalmente, Perón: o humilhador, o sodomizador, mesmo da Argentina”. Uma interpretação simplista para a complexa relação do escritor com o sexo e o amor. Vale lembrar que em outra biografia de Borges, *Esplendor y derrota* (Tusquets Editores, Barcelona), María

Esther Vázquez recorda que o escritor por muitas vezes agia de forma contraditória no terreno amoroso. Borges, lembra Vázquez, era capaz de criar um poema para a mulher por quem estivesse apaixonado num momento, para, em seguida, dedicá-lo a um novo amor. A biógrafa fala com autoridade, pois, além de ter sido colaboradora do escritor por alguns anos, foi também uma de suas muitas musas – por sinal, quase todas platônicas.

O uruguaio Emir Rodríguez Monegal, em *Borges – Una biografía literaria*, faz interpretações mais felizes que as de Woodall ao se debruçar sobre a sexualidade problemática do autor. Ele recorda que Borges, aos dezoito anos, foi levado por seu pai ao encontro de uma prostituta em Genebra, cidade em que sua família residia na época, a fim de se iniciar sexualmente. O jovem Borges deve ter concluído que a mesma prostituta cumpria serviços idênticos para o seu pai. Competir com o pai, conclui Monegal, era algo que abalava arraigados tabus.

O mesmo episódio é uma das passagens marcantes de *Borges à contraluz*, da romancista Estela Canto. Para ela, esse único ato do pai foi muito mais pernicioso para a vida do escritor do que o rígido controle exercido por sua mãe, Leonor Acevedo Borges: “É preciso deixar claro: não foi dona Leonor quem castrou o filho. Quem o fez foi seu pai”, afirma a escritora.

Estela Canto tinha 28 anos quando conheceu Borges, em 1944. O escritor, dezessete anos mais velho, apaixonou-se por ela sem ser correspondido. Em seu livro, Estela Canto expõe sem qualquer reserva a intimidade do autor, inclusive por meio de suas ingênuas cartas de amor. Seu relato é impiedoso em diversos momentos. Borges surge como um ser totalmente dependente



Borges em 1903



Em 1911, época em que lia *Dom Quixote*



Borges em 1921

da mãe, e esta é retratada de forma caricatural, como uma mulher manipuladora e quase onipresente na vida do filho. A autora, ainda que sem apresentar qualquer fato que endosse a suspeita, julga ter sido dona Leonor quem induziu Borges a embarcar, aos 67 anos, em um casamento condenado ao insucesso, com Elsa Astete Millán, de quem se separaria três anos depois.

Até mesmo a cegueira em definitivo do filho pode, no entender da autora, ser parcialmente creditada a Leonor Borges. Estela Canto conta que, no início da década de 50, quando a visão de Borges começou a piorar gradativamente, dona Leonor decidiu que ele deveria fazer uma nova cirurgia com o mesmo médico que operou Jorge Guillermo, seu pai. Ao todo, Borges passou por oito intervenções cirúrgicas visando pôr fim à cegueira. Com ele, passava a ser a sexta geração da família Borges acometida pela cegueira, incluindo a de seu pai e a de sua avó, Fanny Haslam, como nos lembra Monegal.

Estela Canto afirma que “dados os resultados obtidos com o sr. Borges, que tinha morrido cego, minha mãe sugeriu que ela [D. Leonor] consultasse um especialista mais jovem, talvez um estrangeiro”. De acordo com María Esther Vázquez, o relato é inverídico, uma vez que o médico que operara seu pai conseguira recuperar sua visão, poucos anos antes de sua morte. Vázquez, que pinta um retrato humano e generoso de Borges, afirma que histórias que comprometeriam a própria Estela Canto foram convenientemente esquecidas. Segundo Vázquez, quando, em 1955, Borges foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, Estela Canto costumava perseguir-lo e esperá-lo à porta da biblioteca, quase sempre bêbada. Borges, no entanto, preferia ignorá-la.

Com todas as ressalvas que podem ser feitas a *Borges à contraluz*, o livro não pode ser descartado como sendo um simples compêndio de fofocas. A autora esteve muito próxima do contista em um de seus momentos mais prolíficos, meados da década de 40, em que criou contos fundamentais, como “O Aleph” e “A escrita de Deus” (ambos presentes em *O Aleph*, de 1949). Reside aí o principal interesse da obra: mostrar o processo de maturação desses escritos.

Tampouco podem ser menosprezadas as análises despreziosas que Estela Canto faz de textos borgianos. O conto “O Aleph”, que Borges a ela dedicou, trata de um pequeno objeto mágico que abarca todos os objetos do mundo. Segundo a escritora, o texto revela a faceta mística do escritor. Quando olhamos na misteriosa esfera que dá título à história, deixamos de ser presas dos sentidos e passamos a ver as coisas como Deus deve vê-las. O misticismo e as superstições de Borges são também lembrados por Vázquez, quando esta cita a fascinação do autor pelo número três e seus múltiplos, que em seu entender teriam virtudes mágicas. O autor gostava de recordar que Adão nascera aos 33 anos, a mesma idade com que Jesus Cristo morreria. A obsessão de Borges fez até com que ele lamentasse ter nascido aos oito meses de gestação, e não aos nove, que é múltiplo de três.

O Borges místico reaparece em outra passagem do livro de Estela Canto, quando a autora recorda uma entrevista que ele concedeu. Nela, o escritor conta que, certa vez, ao andar pela Biblioteca Nacional, sentiu que algo ia acontecer. E o que aconteceu foi a inspiração, algo mediúnica, na definição de Estela Canto, para um poema. Ao encaminhá-lo para a publicação, foi-lhe indagado se o poema era de qualidade. “Deve ser bom,

eu disse, porque não fui eu quem o escreveu. Foi-me ditado pelo espírito.”

Para a autora, tais situações afastam de vez a tese de que Borges era um autor marcado pelo formalismo e por complexas elucubrações. Em uma de suas cartas o escritor refuta o comentário de Ernesto Sábato, segundo o qual o conto “A morte e a bússola” seria uma hábil construção geométrica. Borges, diz ela, jamais viu sua obra dessa forma. Segundo a autora, seus textos não são construções geométricas mais ou menos engenhosas, mas “pedaços vivos de sua alma”. No entender da romancista, o pudor de Borges é que as adornava e dificultava, apresentando “uma máscara, esperando que alguém se desse conta de que, atrás, havia um rosto verdadeiro, humano e sofrido”.

As construções engenhosas características de Borges também permeiam o texto de alguns de seus biógrafos. É o caso de *Biografia total*, do argentino Marcos-Ricardo Barnatán, e de *Borges – Una biografía literaria*. Na primeira, o autor cita como exemplo dos paralelismos que regiam o trabalho do escritor a relação que Borges estabelece entre a inglesa que, mantida cativa entre os índios, acaba se casando com um guerreiro e incorporando-se à sua tribo no conto “História do guerreiro e da cativa” (*O Aleph*) e a vida de sua avó paterna, a inglesa Fanny Haslam, simbolicamente mantida cativa, ao ser incorporada por uma família argentina (Fanny casou-se com Francisco Borges, coronel argentino morto em batalha).

Temas caros a Borges, como a circularidade do tempo e o eterno retorno são usados por Barnatán para ilustrar passagens da vida do contista argentino. Em sua *Autobiografía* (1970), Borges evoca a lembrança de sua avó, que, aos 93 anos, pede



Com a irmã e a mãe em Genebra (1923)



O escritor Adolfo Bioy Casares



Borges com a mãe, D. Leonor

desculpas à família por estar custando muito a morrer. Borges soa premonitório, comenta Barnatán, quando a cena se repete quase que sem retoques. Em 1975, sua mãe, convalescendo aos 99 anos, clama por uma morte rápida.

A biografia de Monegal, fortemente marcada por uma leitura psicanalítica, também colhe frutos na obra de Borges. O autor compara os labirintos presentes em diversos contos do escritor com aqueles que, simbolicamente, o mantiveram aprisionado ao longo de sua vida. A biblioteca, no caso a de seu pai, farta em livros ingleses, seria um labirinto de livros. A cidade, a Buenos Aires inesgotável e impossível de ser apreendida, onde Borges nasceu no dia 24 de agosto de 1899, seria um labirinto de casas. Todas essas, frisa Monegal, são alusões presentes em textos borgianos.

Em outro momento, o biógrafo ressalta que Borges aprendeu a ler em inglês antes de fazê-lo em espanhol. O jovem Borges, ou Georgie, como lhe chamavam os seus pais e os amigos mais próximos, antes de ingressar na escola, foi educado por uma tutora inglesa. A mãe do escritor conta que, no início de sua alfabetização, Georgie tendia a desfigurar as palavras espanholas. A duplicidade de códigos lingüísticos e o conseqüente caos gerado por essa duplicidade são conceitos presentes em dois contos citados por Monegal.

Em "A Escrita de Deus" (*O Aleph*), um sacerdote maia aprisionado em um profundo cárcere de pedra vive em meio das trevas. Apenas em um momento do dia, um feixe de luz invade a cela e, nesse instante, ele consegue vislumbrar um jaguar. Após muito contemplar as manchas na pele do animal, o sacerdote consegue decodificar uma mensagem divina. Ainda que detentor do signifi-

ficado de tal sentença, ele prefere não se valer dela, mas antes levá-la consigo para a eternidade, uma vez que os homens não seriam dignos de tal escrita. "A biblioteca de Babel" (*Ficções*), por sua vez, fala de uma biblioteca cujo número de volumes é infinito e monstruoso. Com o crescimento infundável da biblioteca, surgem obras escritas em códigos caóticos, delirantes, indecifráveis.

Na infância de Borges, Monegal irá encontrar ricas fontes para o tom psicologista que rege o seu texto. Ainda criança, Borges descobre sentir, a um só tempo, temor e fascinação por espelhos e por máscaras. Na leitura de Monegal, os reflexos dos espelhos trariam dolorosas revelações, como a confirmação de que o seu corpo fora arrancado do corpo materno, e expõem a dolorosa consciência de ser outro. Não à toa, a relação entre espelhos e cópulas será mencionada em alguns contos do autor, como "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius" (*Ficções*). Para o heresiarca de Uqbar, "os espelhos e a cópula são abomináveis, porque multiplicam o número de homens". A aversão por máscaras está relacionada, no entender de Monegal, ao fato de estas serem um símbolo da dualidade do homem e de ocultarem a nossa verdadeira natureza. As máscaras surgirão em diversos escritos borgianos, muitas vezes associadas ao crime, como em "A morte e a bússola" (*Ficções*), em que um bandido usa disfarces para induzir o detetive que o persegue. As máscaras podem estar também relacionadas ao embuste, caso de "O tintureiro mascarado Hakim de Merv" (*História universal da infâmia*), sobre um falso profeta que usa uma máscara de ouro para encobrir sua lepra.

Mundos paralelos e seres fantásticos, tão freqüentes nos textos de Borges, também começam a ser esboçados na infância. Como

ele e sua irmã, Norah, não tinham amigos, inventavam juntos jogos e companheiros imaginários, como Quilos e Molino. Chegaram mesmo a compartilhar fantasias. Consta que, durante uma de suas brincadeiras, tanto Georgie como Norah viram refletido em um espelho a imagem de um assassino. Os irmãos criaram ainda juntos uma sociedade secreta, a Sociedad de las Tres Cruces. Seus membros fundadores escreviam mensagens cifradas em um código criado por Georgie. Barnatán vê nessa criação de uma supra-realidade, o embrião da sociedade secreta e do mundo idealizado de "Tlön, Uqbar, Orbis tertius".

Os labirintos, outra constante em sua obra, também se fazem notar nessa fase de sua vida. Sua obsessão pelo tema talvez tenha nascido com as temporadas de verão que sua família passou no hotel Las Delicias, em Androgué, situada vinte quilômetros ao sul de Buenos Aires. O local, com suas janelas coloridas, forte cheiro de eucalipto e casas de veraneio dispostas de forma labiríntica, serviram de modelo para a chácara de Tristele-Roy de "A morte e a bússola", que no conto "possuía inúteis simetrias e repetições maníacas".

Outro aspecto frisado em todas as biografias é a marcante influência do pai de Borges, Jorge Guillermo, sobre a sua formação. Dele, o jovem Borges herdou o gosto pela consulta a enciclopédias e pela poesia de língua inglesa – pai e filho eram admiradores de Keats, Shelley e Swinburne. Foi na vasta enciclopédia do pai que leu pela primeira vez *Dom Quixote*, de Cervantes, e *Mil e uma noites*, em tradução de sir Richard Burton. Foi Jorge Guillermo também quem fez com que o filho só viesse a freqüentar a escola a partir dos nove anos de idade. Segundo Borges, seu pai, como



Estela Canto



María Esther Vázquez



Borges e o escritor Ernesto Sábato

anarquista, desconfiava das empreitadas levadas a cabo pelo Estado.

Diferentemente de Barnatán e Monegal, especialistas na obra do escritor, James Woodall não procura fazer com que a vida de Borges dialogue com sua literatura, preferindo limitar-se a ilustrar as situações vividas pelo autor com citações de trechos de suas entrevistas e depoimentos que colheu em textos de outros biógrafos. “Borges encarava biografias com ceticismo. Joyce punha grande parte de sua vida (...) em sua obra; Borges, bem mais sedentário do que o irlandês e vivendo puramente através da e para a literatura, pôs muito da sua em conversas e reminiscências gravadas”, diz Woodall.

Reside aí o principal problema da obra. Limitar-se a fazer um relato factual de uma vida pode ser de grande interesse se o biografado for Ernest Hemingway, mas se a trajetória a ser narrada é a de uma autor marcado pela reclusão e a extrema timidez, a história é outra.

O simples registro factual torna a biografia maçante em algumas passagens. Uma delas é quando descreve as “turnês mundiais” empreendidas por Borges a partir da década de 60, quando ele se torna uma celebridade internacional. Diversas páginas, espaço que seguramente poderia ter sido resumido, são usadas para narrar um monótono desfile de palestras, recepções, honrarias e uma ou outra gafe. Entre as gafes, algumas são sabiamente ressaltadas, como as inúmeras declarações de Borges exaltando o regime militar durante os anos mais duros da sangrenta ditadura argentina e a condecoração que recebeu por parte de Augusto Pinochet. O reacionarismo tacanho de Borges é apontado por Woodall, e também por Estela Canto, como

o principal fator pelo qual a Academia Sueca não lhe concedeu o Nobel.

O Borges reacionário da velhice curiosamente contrasta com o jovem autor de *Los salmos rojos*. O livro, escrito entre 1920 e 21, época em que a família Borges se mudou para a Espanha, conteria 20 poemas de exaltação à revolução russa. Borges, de acordo com Woodall, destruiu o manuscrito original na véspera de seu regresso a Buenos Aires. Os poucos registros desses poemas encontram-se em revistas literárias espanholas do início dos anos 20, como a “Grecia” e a “Ultra”. Ainda que obscuros, os “salmos vermelhos” de Borges fizeram, segundo María Esther Vázquez, com que, na década de 50, os EUA negassem visto de entrada para o escritor. Uma ironia, visto que àquela altura eram motivo de vergonha para o autor.

O conservadorismo do escritor propiciou, além das declarações condenáveis, histórias divertidas. Uma delas é narrada por María Esther Vázquez. Em 67, Borges, que então lecionava literatura inglesa e norte-americana na Universidade de Buenos Aires, teve sua aula interrompida por um motivo que lhe pareceu algo mais do que fútil. Ernesto “Che” Guevara havia acabado de morrer e um estudante anunciou que a aula deveria ser encerrada naquele momento, pois eles preparavam uma homenagem ao herói da revolução cubana. Borges disse que a homenagem poderia esperar, uma vez que só faltava meia hora para a conclusão da aula. O estudante ameaçou cortar a luz, ao que Borges retrucou: “He tomado la precaución de ser ciego esperando este momento. Córdela.”

Toques espirituosos, no caso o típico humor britânico, também rendem boas passagens do livro de Woodall, impedindo que a obra se torne uma tediosa enumeração

de datas e citações. Um dos pontos altos é quando ele especula sobre o estranhamento que a figura do “cego de terno e gravata” deve ter propiciado aos estudantes americanos, ao chegar aos EUA, em 1961, por uma série de palestras e leituras na Universidade do Texas. Woodall comenta que, na ocasião, Borges decerto parecia ter saído do nada ou “na melhor das hipóteses de um quadro de Magritte”. O autor é igualmente sarcástico ao lembrar que, quando os autores do *nouveau roman* francês creditaram a Borges a inspiração por seus romances, o autor teria se sentido horrorizado pela suposta paternidade de um estilo, nos dizeres de Woodall, “sem graça e desesperadamente árido”.

Em nem todos os momentos, no entanto, os toques legitimamente britânicos são tão bem-vindos. Para Woodall, a fama mundial de Borges se deve quase que exclusivamente à tradução da obra do escritor para o inglês, iniciada em 1962, e ao seu primeiro grande prêmio internacional, o Prêmio Formentor, que dividiu com Samuel Beckett no ano anterior – ou seja, exatamente dez anos após a tradução de sua obra em francês, fato que Woodall registra, mas cuja importância minimiza.

O relato burocrático induz Woodall a subestimar temas que mereciam um tratamento mais pormenorizado. É o caso da maneira superficial com que enfoca a história da família de Borges. Um tópico de suma importância na sua literatura, visto que rendeu poemas como “Isidoro Acevedo” e “Alusão à morte do Coronel Francisco Borges”, entre outros, além de ter servido de base para os seus contos gauchescos. Mesmo reconhecendo que os antepassados constituíram a “mitologia ancestral de Borges” e que o “mundo cru e dramático” deles inspirariam os contos realistas do autor,



Borges e María Kodama;  
o pintor Xul Solar

Woodall consegue esgotar o assunto em pouco mais de duas páginas.

Barnatán, por sua vez, cria paralelos entre os feitos heróicos de seus antepassados militares e episódios da vida de Borges. O culto aos antepassados foi uma herança de sua mãe. Se para a ressentida Estela Canto esse culto era uma amostra de provincianismo, para Barnatán serve para ilustrar temas recorrentes na obra do escritor.

Como Woodall não se aventura pelo caminho teórico de Barnatán e Monegal, sua obra adquire maior interesse nos trechos em que faz pleno uso do que tem de melhor: a rica e abrangente pesquisa. Valendo-se dela, o autor compõe um amplo registro da incessante atividade de Borges a partir dos anos 20, quando, após regressar a Buenos Aires, participa da criação de uma série de revistas literárias.

Nesse período, Borges se torna o principal representante, na Argentina, do ultraísmo, movimento experimental do qual participara quando morou na Espanha, de fortes ligações com o futurismo de Marinetti. Em 1925, Borges conhece a escritora Victoria Ocampo, que seis anos depois o convida a participar da *Sur*, a conceituada revista literária que editava. Em 32, outro encontro fundamental para a literatura de Borges, este com Adolfo Bioy Casares, escritor dezessete anos mais novo que ele, mas com o qual descobre ter profundas afinidades, entre elas o amor por De Quincey, James e Conrad, além de compartilharem uma forte aversão por Juan Perón.

Com Bioy, cria o autor imaginário Honorio Bustos Domecq, pseudônimo sob o qual publicaram, em 1942, *Seis problemas para don Isidoro Parodi*, série de histórias protagonizadas por um detetive que desvenda enigmas sem sair de sua cela na

prisão. A partir do convívio com Bioy, Borges chega a atribuir uma gradual mudança em seu estilo, afeito aos excessos do barroco, para uma escrita mais concisa e clara. Segundo Borges, Bioy acabou conduzindo-o ao classicismo. Entre outras colaborações, a dupla criou, em 1947, uma sátira ao peronismo intitulada "La Fiesta del Monstro". O texto só veio a ser publicado quando Perón foi derrubado, em 1955, no semanário esquerdista *Marcha*, de Emír Rodríguez Monegal.

Além do encontro com Bioy, Borges fez, durante a juventude, uma série de amizades com intelectuais excêntricos que muito o influenciariam. Esses encontros rendem, inclusive, passagens saborosas de suas biografias. Em, 1919, algo desiludido com a intelectualidade de Sevilha, conheceu em Madrid Rafael Cansinos-Asséns, que lhe causou profunda impressão, como nos conta Monegal. De acordo com Borges, Cansinos havia estudado em Sevilha, sua cidade natal, a fim de seguir o sacerdócio, mas abandonou o projeto, quando, ao encontrar o nome Cansinos nos arquivos da Inquisição, convenceu-se de que era judeu e decidiu estudar hebraico e, mais tarde, se circuncisar. Borges admirava também a avidez de Cansinos em aprender novos idiomas – chegou a dominar onze línguas, tendo traduzido Goethe e Dostoiévski, além de *As mil e uma noites*, diretamente do árabe. O autor espanhol era reverenciado como mestre pelos jovens poetas ultraístas e era sempre generoso com estes, dedicando-lhes numerosas resenhas.

Já de volta à Argentina, no início dos anos 20, foi apresentado a Xul Solar, pseudônimo de Alejandro Schultz Solari, artista plástico, místico e poeta, que Borges qualificaria como o Blake argentino. Em sua *Autobiografía*, Borges relata que, ao indagar o artista sobre

o que havia feito naquele dia, este respondeu que nada havia feito, exceto fundar doze religiões depois de almoçar. Xul, que era filólogo e criador de idiomas, desempenhará um papel importante na criação de Borges. Temas desenvolvidos pelo artista Xul estão presentes em "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius" e "Pierre Menard, autor do Quixote". A respeito de Xul Solar, María Esther Vázquez conta uma divertida anedota. Quando ele morreu, sua viúva, aos prantos no enterro, lamentava a vergonha que este a fazia passar, uma vez que se dizia imortal.

Uma outra personagem, não tão pitoresca, mas possivelmente de maior importância que estes, é a viúva do escritor, María Kodama – colaboradora que conheceu na década de 70 e que o acompanhou até sua morte em Genebra, em 14 de junho de 1986. Sobre ela, as opiniões dos biógrafos se dividem. Para Barnatán e Woodall, Kodama vem zelando pelo patrimônio literário de Borges de forma competente. María Esther Vázquez não é tão lisonjeira, retratando Kodama como sendo possessiva e ardilosa.

Todas essas questões provavelmente entediariam Jorge Luis Borges até a morte. Certa vez, quando lhe presentearam com uma biografia dele mesmo, consta que Borges teria dito que provavelmente era um bom livro, mas que o tema não lhe interessava. Monegal sugere que talvez no futuro algum erudito venha a publicar as obras completas de Borges, acrescentando a estas comentários críticos sobre os escritos dos autores imaginários que ele criou, como Herbert Quain, Pierre Menard, Ts'ui Pên, entre outros. Falsário contumaz, Borges provavelmente aprovaria a idéia. ■

Bruno Garcez  
jornalista, repórter do jornal Agora São Paulo e  
colaborador da Folha de S. Paulo